

LUIZ CARLOS MIGUITA

PREFÁCIO POR GALVÃO BUENO

A black and white portrait of Luiz Carlos Miguita, an elderly man with short, graying hair, wearing a dark suit, white shirt, and patterned tie. He is looking slightly to the right of the camera with a neutral expression. The background is dark and out of focus.

O doutor
coração

M E M Ó R I A S

mqr

Copyright © 2023 por Luiz Carlos Miguita

Todos os direitos desta publicação estão reservados à Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora LTDA. Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização, salvo como referência de pesquisa ou citação acompanhada da respectiva indicação. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n.9.610/98 e punido pelo artigo 194 do Código Penal.

maquinaria
EDITORIAL

www.mqnr.com.br

R. Pedro de Toledo, 129 - Sala 104
Vila Clementino - São Paulo - SP
CEP: 04039-030

Diretor Executivo

Guther Faggion

Editora Executiva

Renata Sturm

Diretor Financeiro

Nilson Roberto da Silva

Editorial

Pedro Aranha, Luana Sena

Revisão

Joelma Santos

Redação

Paulo Stucchi

Pesquisa

Maurício Arruda Mendonça

Pesquisa Iconográfica

Edna Hiroe Miguita Kamide

Foto de capa

Flavio Alberto Menoli dos Santos

Marketing e Comunicação

Rafaela Blanco, Matheus Torres

Direção de Arte

Rafael Bersi, Matheus da Costa

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA – CRB-8/7057

MIGUITA, Luiz Carlos

O doutor coração : memórias / Luiz Carlos Miguita.

São Paulo : Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora Ltda, 2023.

208 p.

ISBN 978-85-94484-13-0

1. Cardiologistas – Brasil - Biografia 2. Miguita, Luiz Carlos – Biografia
I. Título

23-4922

CDD 926.1612

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Cardiologistas – Brasil - Biografia

LUIZ CARLOS MIGUITA

O doutor coração

M E M Ó R I A S

mqr

A minha família e às amizades que comigo guardo desde a infância, responsáveis por esta vida abençoada que Deus me deu.

SUMÁRIO

PREFÁCIO
DOUTOR CORAÇÃO | MAIS QUE UM DOUTOR **11**

PRÓLOGO
ENTRE OCEANOS, O DESTINO
DE UMA HISTÓRIA QUE SE CRUZARIA **17**

CAPÍTULO 1
ENTRE NAVIOS, OCEANOS E TRILHOS **21**

CAPÍTULO 2
TUPÃ, PEDACINHO DO JAPÃO NO BRASIL **27**

CAPÍTULO 3
MIGUITA, MORI E TOMITA:
TECIDO FAMILIAR **35**

CAPÍTULO 4
O MENINO QUE TINHA O
FUTURO DIANTE DOS OLHOS **41**

CAPÍTULO 5
DE TUPÃ A SÃO PAULO:
UM MÉDICO EM FORMAÇÃO **51**

CAPÍTULO 6
CHEGADA A LONDRINA
E RETORNO AO PASSADO **61**

CAPÍTULO 7 CONQUISTAS, PERDAS E FORMAÇÃO: A VIDA SE FORMA E SE TRANSFORMA EM LONDRINA	65
CAPÍTULO 8 O CORAÇÃO E AS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ	71
CAPÍTULO 9 DE CAPITAL DO CAFÉ PARA "CAPITAL DA MEDICINA"?	75
CAPÍTULO 10 MENINA, NAMORADA, COMPANHEIRA, ESPOSA	79
CAPÍTULO 11 NASCE O MÉDICO CARDIOLOGISTA	87
CAPÍTULO 12 1972: ANO DO SURTO DE MENINGITE	91
CAPÍTULO 13 ATENDIMENTO CLÍNICO E RENOME COMO CARDIOLOGISTA	95
CAPÍTULO 14 AMADURECIMENTO: HORA DE CAMINHAR COM AS PRÓPRIAS PERNAS	105
CAPÍTULO 15 O "DR. CORAÇÃO"	113

CAPÍTULO 16 "PADRÃO MIGUITA"?	119
CAPÍTULO 17 OTOU-SAN	123
CAPÍTULO 18 CORAÇÃO NA PONTA DA CHUTEIRA	125
CAPÍTULO 19 TINO ADMINISTRATIVO	135
CAPÍTULO 20 AMIGOS ATÉ O FIM	143
CAPÍTULO 21 ENTRELAÇOS	151
AGRADECIMENTOS RECONHECIMENTO PELO TRABALHO	173
GALERIA DE FOTOS MEMÓRIAS	177

PREFÁCIO

Doutor Coração

Quem seria o *Doutor Coração* que a capa deste livro anuncia? Seria o Doutor um coração que abriga todos, sem distinção? Seria ele um médico, um amigo, um desportista, um conselheiro ou tudo isso reunido num só indivíduo?

A metáfora *Doutor Coração* é muito bem aplicada a essa pessoa, pois em tal figura de linguagem se transfere o nome de uma coisa para outra com a qual é possível estabelecer uma relação de comparação; mas, para que a comparação possa ocorrer, devem existir elementos semânticos (relativos ao significado) semelhantes entre as palavras ou expressões em questão, e essa relação de semelhança entre dois termos ocasiona uma transferência de significados, estabelecida através de uma comparação implícita. Ou *Doutor Coração* seria uma antonomásia, isto é, aquela figura que substitui um nome de pessoa, entidade ou coisa por uma expressão sugestiva ou explicativa que caracteriza uma qualidade conhecida do possuidor e que facilmente o identifica?

As definições parecem complicadas, mas tudo fica muito evidente quando se conhece a figura que iremos descrever a seguir, personagem principal desta obra que não mistura fic-

ção e realidade, como costumam ser alguns relatos biográficos. Aqui, o Doutor Coração realmente bate no peito de todos os seus pacientes, numa transferência não de significados, mas de esperança e solidariedade. Polido e educado, embora às vezes reservado e cerimonioso, o Doutor Coração sempre inspirou confiança naqueles que dele necessitam, sendo assim com os colegas de profissão, com seus assistentes nos hospitais e com aqueles que estão sob seus cuidados, em especial.

Como identificar o Doutor Coração? Começemos por seu aspecto físico. É um homem de boa altura, tem aparência gentil, rosto sereno. É requintado no trajar, elegante na postura e espelha uma distinção própria da sua etnia. Pele clara, cabelos bastos, testa ampla e alta, nariz largo, sobrancelhas espessas, sorriso discreto, boca apertada e queixo obstinado. Olhos puxados, límpidos, brilhantes, observadores. Fala sempre num tom agradável e discreto, movimentando sempre as mãos de forma didática, e gosta de estabelecer conversação com seus pacientes como se assim agindo pudesse chegar aos seus espíritos para poder ajudá-los com maior propriedade.

E como descrever essa figura em seu aspecto psicológico? É um dos médicos mais finos e atenciosos de sua geração e dotado de inteligência aberta à cultura geral. De elocução fácil, frases elegantes, colocações pontuais e bem-feitas, é sempre requisitado para palestras, entrevistas e orientações ligadas à sua especialidade, seja na imprensa escrita, falada ou televisiva. Apesar dos gestos medidos, andar pausado e aproximação cerimoniosa, é um conversador incansável e atencioso, fazendo

valer a posição que defende com rigor, ou seja, de que você só terá sucesso se integrar-se e dedicar-se à sociedade.

A definição de coração do Dr. Miguita diz muito a respeito da escolha de sua especialidade. Segundo a sua perspectiva: “O coração é o órgão do amor, é ele que une as pessoas. Ao contrário do cérebro, que une as ideias. Tudo o que se une com amor é eterno, ao contrário das ideias, que, muitas vezes, se afastam, separam e desagregam. Para que as coisas deem certo, é preciso união com o coração”. Apesar de médico, numa área que exige a presença constante nos hospitais, ele sempre teve tempo para atender às solicitações que lhe eram feitas nas mais diversas esferas. Isso demonstra o seu espírito participativo e a sua abnegação, além da disposição em sempre ajudar naquilo que for possível. Aliás, quando assumiu a direção de natação da Associação Cultural e Esportiva de Londrina (ACEL), juntamente com o Dr. Issamu Onishi, disse uma frase que representa bem a sua forma de encarar as dificuldades: “O possível sai hoje e o impossível vai demorar um pouco”. Este é o Doutor Coração, cuja história vale a pena conhecer!!!

PROFESSORA DOUTORA EDINA PANICHI

Universidade Estadual de Londrina

Mais que um Doutor

O Miguita virou um amigo, uma pessoa querida. Ele não é só um cardiologista. Não é só um dos médicos mais famosos e importantes de Londrina e região.

O Miguita tem uma filosofia de vida que talvez tenha herdado da cultura oriental. Ele é cardiologista, mas representa aquele médico da família. Aquele em que as famílias confiam. Que vão lá não só para fazer tratamento de coração. “Deu dor de barriga? Deu dor de cabeça? Corre no Miguita. Quer falar alguma coisa? Vai falar com o Miguita”. Então ele junta a expertise como cardiologista com o médico da família, o homem da confiança.

Quantas vezes eu fui lá conversar com o Miguita. Minha mãe dá muito trabalho para ele! Ela vai ao consultório e fica horas conversando. O Miguita virou psicólogo dela. Ele cuidou do meu pai, até o final. Mas é isso. O Miguita é uma mistura de amigo, médico pessoal, conselheiro, médico da família, uma pessoa da nossa extrema confiança. Se é que um carioca, descendente de indígenas do Mato Grosso, pode ser da mesma família de um

paulista, descendente de japoneses, mais ou menos, nós somos parentes. É coisa que só a amizade pode fazer.

Quer ver a influência que o Miguita tem? Eu, por mim, estaria agora morando na Itália, em Firenze, que fica a 120 quilômetros da nossa vinícola. Miguita, Kessae e o Júnior estiveram no casamento da minha filha Letícia, lá em Montalcino, na Toscana. Mas Desirée fala assim para mim: “Você é maluco, você vai fazer setenta anos. Cadê o Miguita em Firenze?”. Vou contar um caso: Uma vez o pai da Desirée foi consultar o Dr. Euryclides de Jesus Zerbini, o maior cardiologista do país, responsável pelo primeiro transplante do coração do Brasil e fundador do INCOR, em São Paulo. O Heraldo havia se sentido mal, alguma fibrilação, e foi ao Zerbini. O Zerbini leu o laudo e perguntou: “O seu médico em Londrina é o Miguita? Por que você está gastando dinheiro à toa para vir aqui para tratar comigo? Se trata lá com ele porque está muito bem encaminhado!”. Isso dá para ter uma boa ideia da expertise do Miguita ainda quando jovem. O Issamu e o Miguita... O Issamu é absolutamente japonês. O Miguita é brasileiro. Mas são médicos únicos. Um tipo de médico que não existe mais. E o Miguita é o poderoso chefe. Gosta de comandar. Eu acho que ele queria ser político.

GALVÃO BUENO

Locutor esportivo, radialista e apresentador

Entre oceanos, o destino de uma história que se cruzaria

Os fios que conduzem a história muitas vezes se assemelham ao fluxo dos oceanos, mares e rios. Ainda que aparentemente desconexos, suas águas sempre acham um jeito de se encontrarem, ora formando um conteúdo caudaloso, ora um discreto fio de correnteza. Mas não restam dúvidas que, não importando a origem das águas, elas fazem parte de um mesmo ecossistema, um conjunto renovável de vida que se interliga de norte a sul, leste a oeste deste planeta.

Assim também é a história. Muitas vezes, os fios invisíveis do destino tecem narrativas incríveis, unindo e interligando o que, aparentemente, não tinha qualquer ligação. Vidas que começaram em lados opostos do hemisfério, fadadas a se encontrarem e tomarem um caminho único; pessoas que deixam sua cidade natal em terras distantes para criar vida nova em

outro hemisfério, fundando cidades, comunidades, bairros e mudando o destino de outros à sua volta.

Esta história, particularmente, retornará a fatos já narrados em outros livros, em outras trajetórias da vida; caminhos que uniram o ocidente ao oriente, que tornaram o Brasil o segundo país do mundo com a maior comunidade nipônica, excetuando o próprio Japão, com início na grande emigração de japoneses no começo do século 20 rumo a um destino incerto, cruzando o oceano em direção a uma terra tropical, de idioma estranho, com uma cultura totalmente diferente e um vasto e fértil território a ser desbravado.

Este foi o começo da saga das famílias Miguita (originalmente, *Migita*¹, alterado em registro no Brasil), Tomita e Mori, que deixaram a província histórica de Kumamoto – em que se localiza o belíssimo *Castelo de Kumamoto*, que ganhou fama no período Tokugawa² por ser praticamente intransponível – em direção ao Brasil.

Enquanto o navio *Wakasa-Maru*, de início projetado para ser um navio cargueiro e que, como outros tantos, oferecia péssimas condições de acomodação e higiene aos seus milhares de passageiros, deixava o arquipélago rumo à América do Sul em 1913,

-
1. Vale lembrar que, apesar da escrita original japonesa ser *Migita*, a pronúncia é “*Miguita*”. O som da letra “g” em português é obtido, em japonês, pelo “j”. Portanto, *Tokigire*, *Yamagi*, por exemplo, são lidos como “*Tokiguire*” e “*Yamagui*”.
 2. Ditadura militar feudal estabelecida no Japão por Tokugawa Ieyasu (primeiro shogun), governada pelos shoguns (generais) da família Tokugawa no período de 1603 a 1868.

O nome do período é também conhecido como Período Edo, em homenagem à cidade de Edo (atual Tóquio), que foi a capital do Shogunato Tokugawa até a Restauração Meiji, que acabou definitivamente com o período feudal no Japão.

aqui, em terras brasileiras, vivenciava-se a expansão agrícola e fabril, motivada pelos novos ares trazidos pelos imigrantes – comumente de origem europeia –, que, em sua maioria, fixavam-se em São Paulo e nas terras do sul do país para trabalhar nas lavouras e nas fábricas.

Vale notar que o início do século 20 foi um período importante para três das regiões que, dentro em breve, receberiam as famílias Miguita, Tomita e Mori: Tupã, Bastos e o norte do Paraná, região rica pelo seu solo avermelhado e extremamente fértil para o cultivo do café, ao qual os primeiros italianos que ali estiveram denominaram *terra rossa*³ (em português, adaptado para “terra roxa”). Seria nessas terras, uma região ampla e parcamente povoada, anteriormente habitada pelos indígenas *Caingangues*, que se iniciaria e expandiria uma das principais fronteiras agrícolas do sul-sudeste brasileiro, dando origem, em 1934, ao município de Londrina.

E, a partir do cruzamento histórico que uniu essas famílias e do nascimento de Londrina, é que se discorrerá sobre a história deste livro, recheado de memórias do Dr. Luiz Carlos Miguita, nascido em Tupã, *sansei*⁴, e que escolheu a cidade do norte do Paraná para exercer sua profissão, criar seus filhos e cultivar sólidas raízes, misturando sua trajetória pessoal e vida com o crescimento e desenvolvimento de um dos mais pujantes municípios do sul do país.

3. *Literalmente, “terra vermelha”.*

4. *Terceira geração de japoneses imigrantes (Nikkei).*

Entre navios, oceanos e trilhos

Ainda é incerto o que se passou na cabeça do empresário e nobre inglês Lord Lovat quando pousou os olhos na vastidão de terras entre os rios Tibagi, Ivaí e Paranapanema.

Sabe-se, ao mínimo, que Lovat, técnico em Agricultura e Reflorestamento, e sua equipe ficaram encantados quando toparam com a riqueza e beleza da região. Ele, um investidor que estendia seus ramos para países em desenvolvimento, como o Brasil, estava à frente da *Paraná Plantations*, cujo capital era, em grande parte, britânico. Em acordo com o governo brasileiro, foi concedida aos investidores estrangeiros a negociação de uma extensa região que, na época, abrangia de Jataizinho até Umuarama. A contrapartida era a expansão, por aquelas terras, da estrada de ferro cujos trilhos já cortavam São Paulo, carregando as preciosas sacas de café, principal produto de exportação paulista no período.

Ao todo, foram adquiridos, junto ao Governo do Estado do Paraná, 500.000 alqueires de terras nessa região, que funda-

ram a Companhia de Terras Norte do Paraná, que tinha como principal acionista a *Paraná Plantations Limitada de Londres*, isto entre 1925 e 1927.

Por outro lado, muito provavelmente Tatuhiro, Tsuruo e Zentaro, que haviam deixado o Japão a bordo do cargueiro *Wakasa-Maru* em 1913 (mais especificamente na região de Kumamoto), também não deviam imaginar o que encontrariam do outro lado do Oceano Atlântico, sobretudo no Brasil, um país vasto em terras, com dimensões continentais. À época, assim como hoje, um pequeno pedaço de terra no território vulcânico japonês, formado por ilhas, era caríssimo. Saído do período feudal em 1868, com a ascensão do Governo *Meiji* e restauração da monarquia, que aniquilou o poder dos *daimyos*⁵ e recentralizou o poder governamental no Japão com sede em Tokyo, o Japão vivia um período de crescimento urbano e de empobrecimento de seu campo.

Portanto, estar diante de terras a perder de vista, provavelmente deve ter encantado a família Miguita, assim como ocorrera com Lord Lovat. Cruzar o oceano rumo a uma nova vida no Brasil era um projeto de vida, porém, arrojado. O governo passou a estimular a emigração de seu povo para outros países a partir do início do século 20 como forma de combater o crescente endividamento e empobrecimento da população rural.

5. *Senhor feudal japonês.*

Assim, houve tratativas prévias para conhecer os países e suas demandas para integrar os trabalhadores japoneses.

A partir dessa política do Estado japonês, foram firmadas negociações de governo a governo, que resultaram na emigração de japoneses para Havaí, Austrália, Peru e México.

A partir de 1905, começaram também as negociações do governo japonês com o governo brasileiro. Os primeiros emigrantes contratados no Japão viriam trabalhar nas lavouras de café do estado de São Paulo, que passava por uma importante mudança de paradigmas com o final da escravidão em 1888 e começava a abraçar a alternativa de usar braços de imigrantes europeus em suas terras.

Muitas propagandas japonesas passaram a incentivar a emigração, aludindo ao café como uma “árvore que dava ouro”. Com isso, floresceu no imaginário japonês a oportunidade de vir ao Brasil, melhorar de vida e retornar.

A família Miguita não era exceção. Juntamente com eles, as famílias Tomita e Mori também navegaram rumo ao Brasil na esperança de fazer seu pé de meia e voltar ao arquipélago. Entre os Tomita, estavam Tsuyoshi e sua esposa, Chiyo (Iikawa), as filhas Assako (ainda bebê), Kuniko e, com eles, o jovem Kazuto Iikawa, que embarcaram no vapor *Itsukushima-Maru*, em 1912, antes mesmo dos Miguita. Chegaram ao Brasil em 28 de abril.

Já entre os Mori, vieram Santaro, Hasue, Sadame e Motome no *Teikoku-Maru*, respectivamente o sexto e o sétimo navios de imigrantes japoneses a aportarem no país. Eles atracaram no país em 24 de outubro de 1913.

Assim como ocorria no Japão, mas em menor proporção, o Brasil passava igualmente por mudanças políticas. Sob o governo do Marechal Hermes da Fonseca, iniciava-se o chamado “Pacto de Ouro Fino”, que selava a “Política Café com Leite” e destacava a alternância de poder entre representantes dos estados de São Paulo e Minas Gerais. Além das questões das políticas brasileiras, os imigrantes japoneses encontraram muitas dificuldades em adaptar-se com a língua, com os hábitos alimentares, com a cultura e, de certa forma, foram segregados socialmente.

Dentro em breve, os destinos dessas famílias se cruzariam, remontando a histórias que unem as curiosidades, o pitoresco e a trilha pelos rios da história de São Paulo, até desembocar na atual Londrina.

Tatsuhiko e Tsuruo Miguita foram contratados como agricultores para trabalhar na Fazenda Sobrado & Araquá, em São Manuel (SP), região administrativa da cidade de Sorocaba. Na realidade, em Kumamoto, Tatsuhiko Miguita (seu nome, ao chegar ao Brasil, foi erroneamente grafado como “Tatuhiko”, e não como “Tatsuhiko”) era de uma família bem de vida. Seu pai era comerciante, uma profissão mais próspera e graduada do que a de agricultor. Tatsuhiko era alfabetizado e tinha um bom nível de conhecimento. Casou-se com a jovem Tsuruo, funcionária da loja do pai. Por ter um espírito independente e impetuoso, decidiu emigrar do Japão. No Brasil, o casal Tsuruo e Tatsuhiko tiveram dez filhos, dos quais cinco sobreviveram: Luiz (1917), Joana (1924), Margarida (1927), Jorge (1929) e Kentian (1935). O primeiro, em Promissão, e os demais em Cafelândia.

Santaro e Hasue Mori, por sua vez, vieram casados para o Brasil, juntamente com as duas filhas, Sadame e Motome. Santaro, com 37 anos, chegou na condição de “emigrante contratado” (*Keiyaku Imim*) pela empresa de emigração do governo japonês. Era carpinteiro, mestre nas técnicas tradicionais japonesas de construção em madeira (sistema de encaixes e travas, sem uso de prego). Sua filha Sadame casou-se com Kazuto Iikawa (que viera no navio com os Tomita) em 1921, ambos com 22 anos. O curioso é que, a pedido de seu sogro, Santaro, que tinha apenas duas filhas, Kazuto acatou o antigo costume japonês para as famílias sem descendentes do sexo masculino (costume chamado *Mukoyoshi*) e adotou, oficialmente, o sobrenome Mori de sua esposa, Sadame. Por isso, ficou conhecido, em definitivo, como Kazuto Mori. Ao contrário do que se habitua a enxergar como padrão de comportamento japonês (quieto e reservado), Kazuto era comunicativo e gostava de interagir e fazer amizades, o que facilitou sua adaptação ao Brasil. Todos moravam na Fazenda São Luiz, de propriedade de Joaquim Firmino de Andrade Junqueira, que ficava no Distrito de Sarandi, atual Jurucê, pertencente à cidade paulista de Jardinópolis. Sadame e Kazuto Mori tiveram dez filhos: Carlos Yoshito (1922), Coiti (1923), Ceetuco (1926), Massako (1928), Maria Mitsuko (1930), Mauro (1932), Aparecida Shizue (1933), Nathalina (1936), Eduardo Hideo (1937) e Mário (1939).

Tupã, pedacinho do Japão no Brasil

Duzentos e vinte e dois quilômetros (222 km) separam as cidades de Tupã e Londrina. A primeira, localizada no centro-oeste de São Paulo, já quase em fronteira com o Mato Grosso do Sul; e a segunda, ao norte do Paraná, não tão distante do estado paulista. E, a despeito de a história do Dr. Luiz Carlos Miguita estar profundamente ligada a Londrina, é impossível contá-la sem mencionar um pouco do município paulista – não apenas porque foi lá que ele nasceu, em 1946, mas também porque Tupã tem uma história umbilicalmente relacionada à imigração japonesa ao Brasil como poucas cidades do país.

Para entender a história de um homem, é necessário descrever todos os aspectos de suas experiências e formação de sua trajetória e inserir nesse contexto as circunstâncias geográficas nas quais ele nasceu, foi criado e, claro, escolheu para viver. No caso do Dr. Miguita, não é diferente. Seus antepassados cruzaram o Atlântico rumo ao Brasil e, uma vez aqui, iniciaram suas histórias em terras novas, até então desconhecidas por eles e, obviamente, bem diferentes da realidade japonesa.

Seus avós, Tatuhiro e Tsuruo, se estabeleceram em Tupã na década de 1930. Tatuhiro-san aprendera português com certa facilidade e fluência, fato este que o ajudou bastante, sobretudo a deslocar-se entre ofícios e melhorar de vida.

No início, casal e seus filhos já nascidos no Brasil (Luiz, pai do Dr. Miguita, em 1917, Joana em 1924, Margarida em 1927, Jorge em 1929, e Kentian em 1935) percorriam as cidades às margens da Noroeste⁶ à procura de oportunidades nas propriedades da região, que passava por um intenso movimento de expansão de fronteiras. Na época, Tatuhiro-san utilizava seu conhecimento no idioma para ensinar e orientar novos imigrantes, que chegavam em grande fluxo à Alta Paulista⁷, o que acabou por denotar uma certa liderança à sua pessoa. Vale lembrar a grande diferença entre os idiomas japonês e português (tanto na fala como na escrita e estrutura alfabética), o que explica a natural postura de liderança e referência que Miguita acabara por conquistar entre os colonos.

-
6. *A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) era uma companhia ferroviária brasileira com extensão de 1622 quilômetros, construída na primeira metade do século 20. Sua linha-tronco ia de Bauru até Corumbá (MT).*
 7. *A Alta Paulista é uma antiga região ferroviária do estado de São Paulo colonizada em maior escala a partir da primeira metade do século 20, tradicionalmente conhecida como a faixa de terra situada entre o Rio Aguapeí ou Feio e o Rio do Peixe, por onde passava o traçado do Tronco Oeste da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Abrange as cidades de Garça, Marília, Tupã, Parapuã, Ríópolis, Osvaldo Cruz, Inúbia Paulista, Lucélia, Adamantina, Pacaembu, Dracena, entre outras. A ferrovia chegou a Tupã em 1941, de onde avançou somente a partir de 1949.*

Longe de se acomodar, migrou do campo para a cidade, trabalhando em diversos ofícios, entre eles comerciante de compra e venda de cereais e corretor de imóveis.

Na década de 1930, ele passou a trabalhar como corretor na região de Tupã. A cidade, fundada em 1929 (tendo virado município, com Câmara de Vereadores e Prefeitura em 1938 apenas) certamente atraiu os olhares de Tatuhiro-san pelas oportunidades, uma vez que estava em uma das principais rotas de desenvolvimento e expansão do estado de São Paulo e se convertera no ponto-final da ferrovia que serpenteava pela Alta Paulista, em 1941. Por fim, acabou sendo Tupã a localidade que a família Miguita escolheu como lar, para fixar raízes.

Tornou-se uma liderança dentro da colônia japonesa local, que crescia exponencialmente. Foi presidente do *Kaikan* (atividades festivas) e ajudou na criação e manutenção do *Nihongaku* (escola de características japonesas, importante para manutenção dos traços culturais). No Ano-Novo era comum, desde as seis horas da manhã, os chefes das famílias japonesas de Tupã virem cumprimentá-lo, seguindo o costume de prestar deferência aos líderes da colônia.

Provavelmente fora seu *ojii-san*⁸ que influenciara, mesmo que indiretamente, Dr. Luiz Carlos Miguita não apenas a enveredar pela área da saúde (já que ele tinha uma farmácia) como também a embrenhar-se intensamente nas atividades da co-

8. Uma das formas (mais formal) de se referir a “avô” em japonês. Outras variações possíveis são *ojii-chan* (mais carinhoso), ou *jii-chan* (informal).

munidade local em Londrina, onde, à semelhança do avô e pai, construiu uma reputação de ativo articulador de atividades sociais, políticas e culturais, ligadas ou não à sua profissão. Afinal, um bom fruto nunca cai longe da árvore! Tatuhiro *ojii-san* adquiriu os móveis de uma farmácia da cidade de Rinópolis (SP) para montar em Tupã um estabelecimento para seu filho mais velho, Luiz Miguita, em 1942.

Porém, a calma e prosperidade de Tupã dos anos 1930 sofreram um importante abalo no final da década, quando eclodira a guerra na Europa, tendo Alemanha, Itália e Japão aliados como países do eixo. Ainda que o Brasil tenha se mantido neutro no conflito até 1944, fora inevitável que colonos e descendentes desses três povos passassem a ser vistos com certa desconfiança (e, por que não, medo) entre os brasileiros.

O cenário piorou quando, em 30 de junho daquele ano, Getúlio Vargas decretou que o país estava, oficialmente, envolvido no conflito europeu após os vários bombardeios a embarcações nacionais promovidos pelos alemães após a instalação de uma base norte-americana em Natal, em 1942. Ou seja, se a corda esticava ao longo dos anos, adubando certo ressentimento contra pessoas originárias de países do eixo Berlim-Roma-Tokyo, com a entrada oficial do país no conflito, qualquer verniz e política de boa vizinhança caíra por terra.

O Governo Vargas não apenas decretara a proibição do uso do alemão, italiano e japonês entre os colonos como também fechara escolas e proibira atividades culturais dessas colônias.

O medo, claro, era a presença de espiões ou agentes do eixo entre os imigrantes.

Mesmo após a rendição italiana em 8 de setembro de 1943, e alemã, em maio de 1945, o Imperador Hirohito e seus súditos resistiam no oriente, ainda motivados pelo bem-sucedido ataque a Pearl Harbor (1944), que não apenas causou uma ferida no orgulho do exército norte-americano como também cravou definitivamente na história a imagem dos *kamikazes*⁹. A rendição japonesa aconteceu somente em 2 de setembro de 1945, ainda que suas forças militares estivessem bastante combalidas, sobretudo após os ataques nucleares de Hiroshima e Nagasaki, respectivamente, em 6 e 9 de agosto.

Apesar de a rendição ter ocorrido em condições menos rigorosas do que a Alemanha, esta fora, indubitavelmente, um golpe doloroso na honra do governo japonês e do Imperador Hirohito (ele próprio, mantido no poder pelos norte-americanos, sem qualquer punição). Do outro lado do oceano, todavia, a comunidade japonesa dividia-se entre os que acreditavam (e aceitavam) a derrota do Japão na guerra e os que, menos integrados à cultura brasileira, se negavam a crer que o país se rendera.

9. *Literalmente, deuses do vento, ou, ainda, vento divino, em japonês. Incapazes de vencer a resistência antiaérea norte-americana, os japoneses adotaram uma tática perturbadora: lançar seus próprios aviões, carregados com explosivos, contra o inimigo em ataques suicidas. Seus pilotos eram conhecidos como kamikazes.*

Vários movimentos de resistência e agressão promovidos pela organização autodenominada *Shindo-Renmei*¹⁰ eclodiram na região oeste do estado, especialmente em Marília, Bastos, Osvaldo Cruz e Tupã, incluindo assassinatos dos considerados “corações sujos”, isto é, japoneses tidos como traidores da pátria por crerem na rendição do Japão, também denominados *make-gumis*. Já os que se autoproclamavam fiéis a Hirohito e crentes da superioridade bélica japonesa eram chamados de *kachi-gumis*.

Na época, Tupã contava 45 mil habitantes e passava por um crescimento acelerado, impulsionado pela expansão agrícola e, em grande parte, pelo trabalho da colônia japonesa. Também foi nessa cidade que aconteceu um dos mais emblemáticos episódios da *Shindo-Renmei*, tendo ligação direta inclusive com sua criação, que ficou conhecido como caso dos sete samurais – no qual sete japoneses perseguiram, com o intuito de matar, um policial brasileiro que, ao ver a bandeira do Japão hasteada em uma residência, teria limpado as botas em seu tecido. O oficial brasileiro argumentara que tal ato – hastear a bandeira – era proibido pelo governo.

Os sete japoneses acompanharam o soldado até o tênis Clube de Tupã, onde estava escondido. Lá, ele fora agredido por um dos membros do grupo e todos acabaram presos. Muitos

10. *Literalmente, Liga do Caminho dos Súditos, em japonês, que assassinou 23 pessoas e feriu outras 147, em sua maioria imigrantes de origem japonesa (isseis). A história da Shindo-Renmei foi bem descrita no livro Corações sujos, de Fernando Moraes.*

historiadores consideram o episódio como um dos estopins para a formação da *Shindo-Renmei*.

Tatuhiko-san era considerado um *make-gumi*, ou seja, um japonês derrotista. Alvo da organização devido à sua representatividade, o avô do Dr. Miguita teve que se esconder na comunidade com a ajuda de amigos. Entre esses amigos que ajudaram Tatuhiko-san estava a família Junqueira, a qual nutria uma ligação especial com a família Miguita ao longo dos anos seguintes.

Somente em fevereiro de 1947, a situação se normalizaria e a colônia nipônica retornaria à sua rotina.

Toda essa ebulição foi importante, pois, em meio a todo o medo e caos provocado pelos *kachi-gumis* na grande comunidade japonesa de Tupã, nasceu, em 4 de dezembro de 1946, o primeiro neto de Tatuhiko-san, filho do primogênito Luiz: vinha ao mundo Luiz Carlos Miguita.

Miguita, Mori e Tomita: tecido familiar

Enquanto os japoneses construíam uma grande colônia em São Paulo, sobretudo na capital e na fronteira oeste do estado, o norte do Paraná também começava a receber os primeiros colonos oriundos do Japão.

Na região, a já citada Companhia de Terras Norte do Paraná colocava em ação as engrenagens de desenvolvimento e ocupação daquelas terras, e foram justamente os nipônicos os primeiros a ocuparem esses territórios, mesmo antes da fundação da cidade, na segunda década do século 20.

O povoamento da região compreendia a parte oeste do Rio Tibagi, até então praticamente inexplorada. Em torno do rio havia grandes propriedades, as quais serpenteavam no território entre Paraná e São Paulo. Os primeiros proprietários, então, começaram a lotear a grande porção de terra para os colonos, que se dedicavam originalmente à plantação extensiva de algodão e ao beneficiamento desse produto.

Mas os tempos não eram fáceis. A falta de boas sementes e adaptação do produto ao solo prejudicaram a empreitada e,